

## A DIVISÃO SEXUAL DO PECADO NO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Breno Martins Campos\*

### Resumo

Com certos riscos metodológicos assumidos, este artigo aproxima conceitos da sociologia da compreensão ("sociologia compreensiva") de Max Weber (por exemplo, poder e dominação) com outros de Michel Foucault (por exemplo, controle de mentes e corpos) para a construção de uma sociologia do pecado no protestantismo brasileiro – "Protestantismo da Reta Doutrina" (PRD), segundo Rubem Alves (no livro *Protestantismo e repressão*). Dada a teoria que relaciona pecado à quebra da disciplina que interessa ao poder e à dominação numa instituição religiosa – e não a questões teológicas –, pretende-se a constatação, embora parcial, baseada também em dados empíricos, de que existem pecados mais femininos (destinados à mulher) do que masculinos, de acordo com a divisão sexual do pecado no protestantismo brasileiro (PRD), pelo menos em duas categorias: sexualidade (moral sexual) e heresia (conhecimento). Constatação que não elimina a existência de outros pecados que possam ser considerados mais masculinos (destinados ao homem) do que femininos.

**Palavras-chave:** Protestantismo. Pecado. Poder. Dominação.

### Abstract

With certain methodological risks taken, this paper approximates concepts of Max Weber's comprehensive sociology (for example, power and domination) with others of Michel Foucault (for example, control of bodies and minds) for the construction of a sociology of sin in the Brazilian Protestantism – "Right-Doctrine Protestantism" (RDP), according Rubem Alves). Since the theory that relates sin to the break of discipline that interests to power (domination) within a religious institution – and not to theological issues –, it is intended to attest, based on empirical data, that there are more feminine sins (destined to women) than masculine ones, according to the sexual division of sin within Brazilian Protestantism (RDP), at least in two categories: sexuality (sexual morality) and heresy (knowledge). Attesting that does not eliminate the existence of other sins that can be more male than female.

**Keywords:** Protestantism. Sin. Power. Domination.

### Como e por que os pecados são construídos

Dado que uma igreja é um *locus* de disputa por poder, a estratégia dos dominantes é a de apresentar um modelo de fiel que garanta e legitime o *status quo*

---

\* Breno Martins Campos, doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e professor na PUC-Campinas. E-mail: [trieb.campos@ig.com.br](mailto:trieb.campos@ig.com.br).

e as posições ocupadas pelos sujeitos dentro dele. A repetição do modelo, por meio da educação, despertará no fiel o desejo de ser como ele e de ser recompensado por isso (efeito positivo), bem como o receio de quebrá-lo e de ser punido por isso (efeito negativo). O resultado será a manutenção, legitimação e reprodução da ordem. "Formulado abstratamente, o objetivo racional da religião redentora tem sido assegurar ao que é salvo um estado sagrado, e com isso o hábito que garante a salvação".<sup>1</sup> O hábito é causa e efeito da reprodução.

Ainda que metodologicamente arriscado, este artigo propõe uma aproximação da teoria de Max Weber com a de Michel Foucault acerca de aspectos do poder e de sua manipulação.

Embora, diferentemente de Weber, Foucault não se interesse pelo poder religioso instituído em Igreja, suas análises voltam-se para as estruturas e técnicas tipicamente modernas de poder, o que constitui também o objeto de preocupação de Weber. Para ambos os autores, o poder e a dominação revestem, no mundo moderno, a forma de um "disciplinamento" imposto, o que, para Weber, dá-se via burocratização. Enquanto para Weber o problema da institucionalização do poder é uma questão central, Foucault volta-se para a análise histórica da evolução das técnicas modernas de poder e da relação entre saber e poder.<sup>2</sup>

A aproximação entre os dois modelos teóricos aponta um problema de método que precisa ser resolvido imediatamente.

[Para Foucault, o poder] não é unitário, nem possui uma essência, mas constitui-se em um elemento central de todo sistema social. Como capacidade de impor-se por meio da ação estratégica, da luta social, o poder faz com que aquilo que aparece como ordem social seja, na verdade, o resultado momentâneo da luta constante e do engajamento do poder. Nessa luta, não se trata de que uns tenham o poder e outros sejam absolutamente despossuídos de poder. Trata-se de conceber o poder como relação de forças. Todos e cada um, individualmente, exercem certo poder. Mesmo aqueles cujo poder é limitado, aparentemente despossuídos de todo poder, encontram um meio de exercer alguma forma de poder.<sup>3</sup>

A noção de *habitus* aponta um caminho para a resolução da questão de método: a parte de poder que cabe aos despossuídos, dentro da instituição igreja, é negociada segundo a lógica da economia das trocas simbólicas.<sup>4</sup> A resistência é trocada pela segurança existencial, social, cosmológica: a segurança oferecida pelo

1 WEBER, Max. As rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: \_\_\_\_\_. *Textos selecionados*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 242.

2 ROSADO NUNES, Maria José F. Por uma sociologia do poder religioso: elementos para uma crítica feminista. In: BRITO, Ênio José C.; GORGULHO, Gilberto S. (Orgs.). *Religião ano 2000*. São Paulo: CRE/PUC-SP; Loyola, 1998. p. 137.

3 ROSADO NUNES, 1998, p. 138.

4 BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

discurso. O poder limitado dos despossuídos é transferido para a camada dominante, mas não definitivamente, pois as resistências continuam em operação. O poder inclui o contrapoder, o que implica considerar que "o poder não tem somente uma função repressiva. Ele é também produtivo, na medida em que produz saber".<sup>5</sup>

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele "exclui", "reprime", "recalca", "censura", "abstrai", "mascara", "esconde". Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.<sup>6</sup>

Introduz-se nos campos da filosofia e das ciências humanas a ideia de um novo poder, de novos procedimentos do poder, "que funcionam, não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei mas pela normalização, não pelo castigo mas pelo controle, e que se exercem em níveis e formas que extravasam do Estado e de seus aparelhos".<sup>7</sup> Poder cujo sucesso depende de uma imposição: "é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável. Seu sucesso está na proporção daquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos".<sup>8</sup> Poder simbólico, cuja eficácia é tanto maior quanto sua operação não é percebida.

Conceito importante é o de adestramento, cujas funções específicas são as de preparar indivíduos disciplinados para dar somente respostas esperadas pela camada dominante dentro das instituições. "A disciplina 'fabrica' indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício".<sup>9</sup> A disciplina é técnica nas mãos do poder, nas mãos dos sujeitos que o manipulam, pois o poder mesmo (entidade abstrata) não existe; existem, sim, relações de poder.

Disciplina precisa ser entendida não como uma série de punições devidas, por lei formal ou consuetudinária, a quem desrespeita as normas estabelecidas também por leis ou costumes; mas, principalmente, como técnicas capazes de formar (adestrar) indivíduos (e o corpo social todo) úteis à instituição. Técnicas de educação que dão origem à submissão, força e docilidade (não excludentes, pois a força adestrada é usada somente em submissão ao poder, nunca contra ele).

5 ROSADO NUNES, 1998, p. 138.

6 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. nascimento da prisão. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 172.

7 FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 86.

8 FOUCAULT, 1999, p. 83.

9 FOUCAULT, 1991, p. 153.

Se a disciplina representa, antes de tudo, o poder sobre o indivíduo e sua formação, como o adestramento individual atinge o corpo social? Aqui entra em cena mais uma contribuição de Foucault: a microfísica do poder. Roberto Machado alerta para a existência de um tipo de micropoder,

que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder.<sup>10</sup>

Fica clara a preocupação de derrubar a ideia de que a existência do poder é restrita às grandes instituições e seus aparelhos, como se somente eles manipulassem o poder. Importa analisar os micropoderes existentes nas instituições, que atingem a vida das pessoas: o poder capilar. Fica clara também a preocupação de Foucault com a análise das relações entre os micropoderes e o poder geral.

Por meio de quais mecanismos os micropoderes atingem com sucesso os corpos dos indivíduos, e por consequência o corpo social, disciplinando-os e adestrando-os? Por meio de instrumentos simples: "o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame".<sup>11</sup>

A economia do poder: é melhor disciplinar do que ter de castigar posteriormente. "Que nenhum crime cometido escape ao olhar dos que têm que fazer justiça; nada torna mais frágil o instrumento das leis que a esperança de impunidade".<sup>12</sup> Nenhum detalhe pode escapar à máquina do poder: "a disciplina é uma anatomia política do detalhe".<sup>13</sup> A punição pode ser entendida como prevenção, pois serve de modelo e previne o avanço da desordem em uma sociedade: faz com que "o malfeitor não possa ter vontade de recomeçar, nem a possibilidade de ter imitadores".<sup>14</sup>

A mesma economia valoriza também as promessas de recompensa: o poder não é só punitivo. É melhor e mais econômico recompensar o acerto (o comportamento desejável) do que castigar o erro (ainda que o castigo seja inicialmente pequeno). O poder não funciona pela pura repressão ou força: a premiação pequena, econômica e gradativa é a outra face do funcionamento do

---

10 In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. XII.

11 FOUCAULT, 1991, p. 153.

12 FOUCAULT, 1991, p. 88.

13 FOUCAULT, 1991, p. 128.

14 FOUCAULT, 1991, p. 85.

poder, dentro de sua economia própria. O poder cria os saberes próprios da instituição que deve preservar e fortalecer. O adestramento coloca todo o corpo social dentro desses saberes específicos. Funciona de forma clara segundo um binômio reconhecido empiricamente: os hereges são punidos e os obedientes, premiados. Obedientes e hereges são constantemente vigiados.

A premiação é distribuída àqueles que reproduzem os discursos oficiais e os comportamentos esperados: os que reproduzem os saberes são elogiados, servem como referenciais. A premiação aumenta na medida em que aumenta a demanda por recompensa. Os questionadores da ordem estabelecida, que demandam participação no poder para reproduzir os saberes construídos, acabam recebendo como recompensa justamente o acesso ao poder demandado: em regra, são cooptados.

Um poder somente repressor seria percebido por todos e menos eficaz. "O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso".<sup>15</sup> Dentro de uma organização, o poder, que em si mesmo não é moralmente bom nem mau, procura atingir a virtude ou finalidade dele esperada, qual seja a de fazer de cada corpo e do corpo social todo organismos úteis à economia do sistema.

Vigiar e punir, em suma, disciplinar: modelo de economia de poder que atinge todo o tecido social de forma barata como uma rede produtiva. A disciplina "fabrica corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)".<sup>16</sup>

Não há como negar a existência de uma máquina de poder nas igrejas, localizada dentro delas e manipulada pelo poder (centralizado), representado por conselhos e diretorias nas comunidades locais e no conjunto delas (denominações, no caso protestante). Máquina que faz circular de maneira constante e eficaz os efeitos sociais do poder por todo o tecido social e em cada sujeito social (poder diluído). Também não há como negar a presença e eficiência do olhar hierárquico, da sanção normalizadora e do exame na vida social dentro das igrejas. Da teoria para a experiência, cada um dos três instrumentos simples do poder será utilizado

---

15 FOUCAULT, 1982, p. 8.

16 FOUCAULT, 1991, p. 127.

com base em sua lógica de operação para a análise de como os pastores junto com a liderança leiga das igrejas controlam a vida dos fiéis (vigilância ininterrupta) por meio dos mecanismos de castigo (punição) e recompensa (premiação).

### Como e por que os pecados são punidos

Três esclarecimentos são necessários aqui. Primeiro, assumir como recorte da investigação as cinco classes de pecados passíveis de pena dentro do protestantismo (propostas por Rubem Alves): pecados sexuais, transgressões do domingo, vícios, crimes contra a propriedade e crimes de pensamento (heresias).<sup>17</sup> Segundo, oferecer uma interpretação de como o imaginário protestante atinge mais as mulheres acerca de duas dessas cinco classes (por falta de espaço, as outras não serão analisadas aqui). Terceiro, explicitar que a análise não tem a pretensão de ser completa, pois não consegue explicar em pormenores como se dá o controle de todos os pecados na vida dos fiéis, mas é capaz de indicar tipicamente o *modus operandi* do poder nas igrejas, pelo controle do corpo e intelecto dos crentes.

Pecar é quebrar a disciplina da igreja e todo sujeito que peca tem de ser disciplinado. A disciplina dos fiéis é de responsabilidade daqueles que os dirigem.

Ora, se uma comunidade religiosa surge na onda de uma profecia ou da propaganda de um salvador, o controle da conduta regular cabe, primeiro, aos sucessores qualificados carismaticamente, aos alunos, discípulos do profeta ou do salvador. Mais tarde, sob certas condições que se repetem regularmente, [...] essa tarefa caberá a uma hierocracia sacerdotal, hereditária ou oficial. Não obstante, como regra, o profeta ou salvador colocou-se, pessoalmente, em oposição aos poderes hierocráticos tradicionais dos mágicos ou dos sacerdotes. Colocou seu carisma pessoal contra a dignidade deles, consagrada pela tradição a fim de romper seu poder ou colocá-los a seu serviço.<sup>18</sup>

A comunidade do profeta, institucionalizada, torna-se uma religião soteriológica de congregações, na qual o sacerdote precisa adestrar seus fiéis para manter-se à frente deles: é o exercício do controle da conduta regular, segundo a qual o desviante precisa ser conhecido e punido. As igrejas têm as justificativas doutrinárias e eclesiais para o exercício da disciplina de uns sobre os outros. A lógica do exercício da disciplina sempre afirmará que seu objetivo visa ao bem da igreja, da comunidade e de cada sujeito (inclusive, do eventual faltoso).

---

17 ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. 2 reimp. São Paulo: Ática, 1982.

18 WEBER, 1980, p. 243.

A primeira classe de pecados isolada do texto de Alves<sup>19</sup> para análise é a dos pecados sexuais. A moralidade dos protestantes admite a prática sexual se ela acontecer dentro do casamento.

A ética sexual, está claro, é relacionada com a preservação da pureza estrita da vida familiar. Todo intercurso sexual antes do casamento e fora do estado de casamento é severamente proibido. Isto, é claro, é o ponto de vista cristão ordinário. Entretanto, a ética familiar em si mesma é entendida de uma forma muito peculiar. Isto é, o ascetismo exige a excisão de todos aqueles elementos eróticos e emocionais que o Catolicismo e o Luteranismo sempre acreditaram dever tolerar como a sensualidade resultante do Pecado Original. A vida sexual no casamento foi para eles *medicina libidinis*. Aqui, entretanto, ela está firmemente incorporada ao propósito da comunidade de servir à glória de Deus. A vida sexual não é para ser usada para prazer, mas para a deliberada procriação de filhos. Ela não é um fim em si mesma, mas serve para continuar o crescimento da Sociedade e da Igreja.<sup>20</sup>

Leitor de Troeltsch, Weber confirma o raciocínio de que na área sexual reside uma rejeição do mundo (rejeição de um erotismo humano natural) imposta pela religião aos fiéis.

O ascetismo voltado para o mundo interior e racional (ascetismo vocacional) só pode só pode aceitar o matrimônio racionalmente regulamentado. Esse tipo de matrimônio é aceito como uma das ordenanças divinas dadas ao homem, como uma criatura inevitavelmente amaldiçoada em virtude de sua "concupiscência". Dentro dessa ordem divina, é dado ao homem viver de acordo com as finalidades racionais que ela impõe e somente de acordo com elas: procriar e educar os filhos, e estimular-se mutuamente ao estado de graça. Esse ascetismo racional interior deve rejeitar a sofisticação do sexo transformado em erotismo, como idolatria do pior gênero. Por sua vez, esse ascetismo reúne a sexualidade primária, naturalista e *não*-sublimada do camponês, transformando-a numa ordem racional do homem como criatura. Todos os elementos da "paixão", porém, são então considerados como resíduos da Queda. Segundo Lutero, Deus, para impedir o pior, é tolerante para com esses elementos da paixão. O ascetismo racional voltado para o mundo exterior (ascetismo ativo do monge) também rejeita os elementos apaixonados, e com eles toda a sexualidade, como um poder diabólico que põe em risco a salvação.<sup>21</sup>

A moral sexual é exemplo de que, no Brasil, fazer opção religiosa pelo protestantismo é também optar pela cultura protestante, inglesa e puritana, que aqui chegou depois de uma acomodação nos EUA. Ocupar posição dentro do protestantismo brasileiro é abandonar a cultura e a moral autóctones para abraçar

---

19 ALVES, 1982.

20 TROELTSCH, Ernst. *The social teaching of the Christian churches (v. II)*. Nova York: Harper & Row, 1960. p. 809.

21 WEBER, 1980, p. 260.

valores culturais, relativos à sexualidade, daqueles ingleses que pretendiam construir um novo e puritano mundo na América.

Ao analisar as interpretações oficiais da realidade e a intenção clara que as instituições religiosas têm de fazer com que seu mundo seja aceito como coisa óbvia, Peter Berger cita um exemplo sintomático.

Por exemplo, o programa sexual de uma sociedade é aceito como uma coisa óbvia não apenas como dispositivo utilitário ou moralmente correto, mas como uma inevitável expressão da "natureza humana". O chamado "pânico homossexual" pode servir de excelente ilustração do terror desencadeado pela recusa desse programa. Com isso não se nega que esse terror seja também alimentado pelas apreensões práticas e remorsos de consciência, mas a sua mola propulsora fundamental é o pavor de ser alijado às trevas exteriores que separam o indivíduo da ordem "normal" dos homens.<sup>22</sup>

Além da homossexualidade, há outros temas-tabu nas igrejas, muitos deles tratados de forma tangencial, pois segundo a interpretação oficial da realidade não se referem à natureza e missão da igreja, que existe para *salvar almas*. Por outro lado, em muitas ocasiões, como acampamentos, congressos ou conferências especialmente para adolescentes e jovens, são tratados de forma simplista, por meio de receitas a confirmar o posicionamento oficial da instituição.

A respeito das relações entre poder e corpo, Foucault relembra o caso e a história da masturbação:

Tomemos um exemplo preciso: o do auto-erotismo. Os controles da masturbação praticamente só começaram na Europa durante o século XVIII. Repentinamente, surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome deste medo foi instaurado sobre o corpo das crianças – através das famílias, mas sem que elas fossem sua origem – um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos. Mas a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo...<sup>23</sup>

Pode-se transmutar para as igrejas o papel dado às famílias – ou considerar que as igrejas reforçam a pretensão das famílias – e o resultado será a obtenção de um quadro muito semelhante: as crianças e os adolescentes protestantes são proibidos de desenvolver sua sexualidade. Apesar do esforço de Foucault para convencer seus interlocutores de que uma análise completa do poder em relação ao sexo tem de levar em conta outras concepções do poder que não somente a

22 BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995. p. 37.

23 FOUCAULT, 1982, p. 146s.

jurídica, assume-se que a lógica da censura está claramente presente nas igrejas protestantes.

Do caso geral ao particular, podem ser comentados alguns exemplos de como a área da sexualidade constrói alguns pecados que são mais pesados para as mulheres. Gravidez indesejada na adolescência ou fora do casamento, em contexto protestante, é sempre mais difícil para as mulheres, afinal, são elas que engravidam. Além de enfrentar toda transformação psíquica, corporal, social, a mulher passa pelo processo de disciplina eclesiástica punitiva considerando-se culpada de erro que atenta contra sua vida e a da comunidade.

Não são poucas as vezes em que o filho é recebido em ambiente familiar e comunitário de profunda tristeza e amargura. Aborto nem pensar, sua impossibilidade é um *a priori* protestante. Prevenir a gravidez pela utilização dos contraceptivos já é um desvio da disciplina, nem se fala nisso. O subterfúgio é a reafirmação do discurso oficial, abstinência sexual antes e fidelidade depois do casamento, pelo que a autoridade eclesiástica sempre poderá dizer depois: "você foi avisada".

Os pecados que pertencem à segunda classe destacada aqui são os do pensamento, cujo resultado mais visível são as heresias.

A rejeição de toda rendição ingênua aos modos mais intensivos de experimentar a existência, artística e erótica, é como tal apenas uma atitude negativa. Mas é evidente que essa rejeição poderia aumentar a força com que as energias fluem para a realização racional, tanto ética quanto exclusivamente intelectual. Devemos notar, porém, que a tensão, autoconsciente, da religião é a maior, e mais fundamentada em princípios, quando a religião enfrenta a esfera do conhecimento intelectual.<sup>24</sup>

Os pecados do pensamento não são simples atos imorais, são muito mais graves (dentro de uma hierarquia não assumida de pecados, porém empiricamente existente no protestantismo). "O herege não é alguém que sucumbe a uma fraqueza da carne. Ao contrário, ele rejeita um conhecimento absoluto. Nega a sua pretensão de verdade. E, em seguida, propõe uma nova verdade".<sup>25</sup>

A igreja protestante sempre enfatizou o aspecto doutrinário e discursivo da religião. Os crimes de pensamento manifestam-se mais notadamente naquilo que questiona as doutrinas ou se desvia delas. Há também o herege e a heresia que questionam a própria organização/instituição e seus princípios. Questionamentos

---

24 WEBER, 1980, p. 261.

25 ALVES, 1982, p. 199.

que podem ocasionar cismas involuntários ou voluntários, dando origem a novos grupos religiosos, ou cair no esquecimento.

A ênfase necessária de algumas religiões sobre a doutrina cria (ou possibilita a criação de) sua própria crítica ou teoria concorrente. Dentro da própria doutrina, quando sistematicamente elaborada, está a (possibilidade de) sua superação, como um efeito não intencional do rigorismo doutrinário.

Quanto menos misticismo mágico ou meramente contemplativo, e quanto mais "doutrina" uma religião encerra, tanto maior é a sua necessidade de apologética racional. [...] Quanto mais a religião se tornou livresca e doutrinária, tanto mais literária tornou-se e mais eficiente foi no estímulo ao pensamento leigo racional, livre do controle sacerdotal. Dos pensadores leigos, porém, saíram os profetas, que eram hostis aos sacerdotes; bem como os místicos, que buscavam a salvação independentemente deles e dos sectários; e, finalmente, os céticos e filósofos, que eram hostis à fé.<sup>26</sup>

Pela ênfase no estatuto doutrinário, a heresia é mais clara e frequente na esfera intelectual em que estão em jogo os interesses do poder (travestido em forma e em nome de verdade). "Todo aquele que possui a verdade está condenado a ser um inquisidor".<sup>27</sup> Lógica que não é assumida pelas comunidades de fé, que se pretendem abertas a todos e tolerantes. Se a igreja se organiza em torno da obsessão pela verdade, por uma só doutrina, tudo e todos os que possam abalar o que está posto devem deixar de ocupar posição dentro do campo.

Não é possível nem necessário que a igreja, comunidade de verdadeiros fiéis, depositária e guardiã da sua doutrina, conviva com o herege. A heresia põe em risco toda a organização da igreja, arrastando consigo em ruína todos os que detêm o poder dentro dela.

A heresia [...] não é um simples ato intelectual. Trata-se de um ato de denúncia política. [...] O herege é aquele que rejeita a verdade socialmente definida, isto é, aquela que é funcional a uma determinada situação de domínio político na instituição eclesiástica em nome de uma verdade mais alta.<sup>28</sup>

O herege coloca em risco a segurança que a religião dá para o crente, pois questiona as verdades fundamentais que dão sentido à vida religiosa; e a denominação religiosa "desenvolve procedimentos que ajudam seus membros a

---

26 WEBER, 1980, p. 262s.

27 ALVES, 1982, p. 280.

28 ALVES, 1982, p. 272.

ficar 'orientados para a realidade' (isto é, a ficar dentro da realidade como é definida 'oficialmente')".<sup>29</sup>

Os que combatem o herege, em regra, utilizam-se de mecanismos de afronta pessoal: "pode ser considerado não só como idiota ou um canalha, mas como um louco. Subjetivamente, portanto, o desvio sério provoca não só culpa moral mas o terror da loucura".<sup>30</sup> A lógica do perseguidor é a de excomungar aquele que já escolhera afastar-se da comunidade de iguais.

Os instrumentos não importam para o combate da heresia. Ainda que para o protestante seja fácil criticar o catolicismo pelas suas práticas inquisitoriais, difícil é perceber o quanto elas ainda permanecem no seio das igrejas protestantes. É bem verdade que ninguém mais tem sido queimado fisicamente em público por decisão das igrejas: as manifestações da inquisição protestante são diferentes, sendo notadas em seus instrumentos de controle, adestramento, disciplina e punição.

Como mecanismo de eliminação da heresia e, no limite, do próprio herege, a luta entre os dominantes e os hereges que forçam sua entrada e a de suas ideias no campo religioso se trava no terreno político dentro das igrejas, para além das afrontas pessoais. A heresia representa uma rebelião dos fracos contra a opressão dos fortes. Mesmo perdendo, intelectual e politicamente, a heresia cumpre o seu papel de revelar à comunidade uma nova cosmovisão, que permite uma nova organização do mundo, incluindo as relações eclesiais, seu discurso e sua prática. A pretensão do herege é sempre a de subverter relações, para a construção de novas formas de organização.

Se alguém é chamado de herege é porque tem menos poder para impor suas ideias do que o grupo ortodoxo que assim o definiu. São os representantes da ortodoxia que se incumbem de punir o herege, com todos os mecanismos previstos pelos códigos de lei, disciplinando-o ou expulsando-o do convívio da comunidade, dependendo da gravidade de sua falta. A história da religião, que oferece amplo repertório para o estudo das heresias e do perfil dos hereges, é escrita pelos vitoriosos, detentores do poder, que analisam seus adversários como hereges, cujas posições sempre colocam em risco o bem-estar e o desenvolvimento do seu grupo.

O imaginário protestante brasileiro propõe que teologia e pregação são coisas de homens (varões), bem como o púlpito, a cátedra, a participação em

---

29 BERGER, 1995, p. 37.

30 BERGER, 1995, p. 37.

processos decisórios. Às mulheres restam a casa, o espaço próprio do lar, ouvir os homens na igreja, reuniões particulares (desde que nelas sejam conversadas coisas próprias de mulheres).

Mulheres que sabiam demais ou desejavam saber demais eram rotuladas de bruxas na Europa e nos EUA em tempos passados, não porque tivessem feito pacto com o demônio, mas porque ousavam colocar em xeque uma estrutura masculina de poder e dominação. Seu pecado era o do pensamento (conhecimento). Se saber é poder, todo conhecimento aos homens. Todo poder aos homens. As mulheres não deviam saber e as que sabiam deviam se calar ou serem caladas. As mulheres não foram consideradas bruxas apenas religiosamente por causa de seus curandeirismos, benzimentos e remédios, mas porque as ciências passavam a ser monopólio dos homens na modernidade.

Na disputa entre homens e mulheres, às últimas interdita-se conhecimento e sexo. Mulheres com seus saberes dissonantes acerca do corpo (do próprio corpo, do corpo do outro e até do corpo social) eram bruxas, não podiam se pronunciar em público, deveriam ficar sob controle do Estado e da Igreja ou em silêncio definitivo (pelo banimento ou morte). Conhecer o corpo era dominar os saberes do sexo e do prazer. Proibiu-se o conhecimento acerca do sexo para depois ser proibido todo o conhecimento. A caça às mulheres foi uma reação dominante, masculina, da religião e da sociedade patriarcal aos saberes dissonantes, heréticos, femininos. Saberes que conduziam a comportamentos dissonantes, desviantes. Matava-se para manter a ordem. Morte em prol da verdade do pensamento e do comportamento.

O protestantismo também caçou suas bruxas, copiando métodos que criticava na Igreja Romana, o que reforça a construção da representação negativa do feminino. Interessante notar que o próprio protestantismo foi entendido pelos eclesiásticos romanos como resultado do domínio de Satanás sobre a Europa, do qual a bruxaria também era um dos frutos. Por seu lado, o protestantismo encontrava na bruxaria um remanescente romano de heresia que insistia em prejudicar o cristianismo todo.

A caça protestante às bruxas dentro da *moderna* Reforma do século XVI fez parte de um projeto consciente e também inconsciente de definição da ortodoxia protestante, do *locus* simbólico e concreto da mulher na eclesiologia cristã protestante. Tão importante quanto o que a mulher pode falar, qual é o discurso feminino possível, é de onde ela fala – se do púlpito ou do chão.

Mais eficazes do que um conjunto claro de regras proibitivas às mulheres – não poder cortar o cabelo, não poder se maquiar, só poder usar saia – são os efeitos de um código consuetudinário que estabelece o espaço simbólico da mulher em casa e na igreja. Em *locus* eclesiástico, as mulheres podem e devem se reunir, mas para tratar das coisas próprias de mulher – desde as mais intimistas, como o cuidado de si mesma, do lar, do marido e dos filhos, até as mais sociais, como cuidar dos marginalizados por meio da assistência.

Se a mulher foi o canal da tentação que expulsou a raça humana do paraíso é preciso muito cuidado com ela; a mulher pode ser um perigo ao homem no caminho da salvação pessoal. São processos concomitantes: a centralização cada vez maior do poder nas mãos dos homens e a docilização cada vez maior das mulheres. A mulher passou do livre arbítrio de Eva, a bruxa, para o "faça-se a tua vontade" de Maria, a virgem. Do dinamismo à experiência estática e submissa de aceitação e acolhimento. Como o protestantismo esforçou-se para tirar os espaços destinados a Maria em sua fé e religiosidade, a fim de se diferenciar do catolicismo romano no qual ela alcança quase *status* trinitário, simbólica e sintomaticamente expulsou também o último resquício de espaço destinado à mulher.

### **Considerações finais**

Dadas as proposições teóricas e as constatações empíricas anteriores, para concluir este artigo e manter seu espírito aberto para desenvolvimento crítico futuro e diálogo com outras abordagens, seguem algumas considerações com a intenção de resumir a obra.

Primeira: apreender a operação do poder numa instituição religiosa é mais do que localizar o poder para depois explicar como ele atinge todos os membros de uma igreja. A operação do poder é central e ao mesmo tempo capilar. Os recortes fragmentados da realidade só se justificam pelas intenções didáticas de explicação da instituição: no cotidiano tudo se passa ao mesmo tempo.

Segunda: a construção teológica pretende que todas as pessoas sejam iguais perante a realidade do pecado, mas algumas são mais iguais do que as outras. O pecado, que podia ser um sintoma da condição humana a demandar clemência de todos para todos, transforma-se em instrumento de vigilância de todos sobre todos e de punição da autoridade contra o desviante.

Terceira: há pecados ou alguns de seus desdobramentos que são mais femininos. O que não impede a existência de outros que sejam mais masculinos, até porque as categorias retiradas da obra de Alves<sup>31</sup> não esgotam a possibilidade nem impedem a originalidade de análises futuras. O catálogo pode ser alterado ou ampliado.

## Referências

ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. 2 reimp. São Paulo: Ática, 1982.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

ROSADO NUNES, Maria José F. Por uma sociologia do poder religioso: elementos para uma crítica feminista. In: BRITO, Ênio José C.; GORGULHO, Gilberto S. (Orgs.). *Religião ano 2000*. São Paulo: CRE/PUC-SP; Loyola, 1998. p. 131-148.

TROELTSCH, Ernst. *The social teaching of the Christian churches (v. II)*. Nova York: Harper & Row, 1960.

WEBER, Max. As rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: \_\_\_\_\_. *Textos selecionados*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 237-268.

---

31 ALVES, 1982.